intexto
E-ISSN 1807-8583

Jornalismo hiperlocal e o desafio da criação de uma agenda noticiosa internacional plural

Maria José Baldessar
Doutora | UFSC
mbaldessar@hotmail.com

Pedro Henrique Dellagnello
Graduado | UFSC
pedrodella@gmail.com

Resumo

Este artigo versa sobre como a convergência de mídias e conteúdos têm possibilitado o desenvolvimento de uma agenda informativa internacional plural, se utilizando da capilaridade da Internet. Para tanto, entendendo o jornalismo como um espaço simbólico institucionalizado, estabelecemos que as bases históricas dele estão nos métodos de produção e transmissão de informações que evoluíram conforme e/ou apesar do desenvolvimento tecnológico. Procuraremos mostrar que o jornalismo hiperlocal tem contribuído para o fortalecimento dessa agenda internacional, diferentemente do que ocorre com aquele praticado pelas grandes corporações de mídia e agências de notícias.

Palavras-chave

Hiperlocalismo, convergência, redes sociais.

1 Introdução

A tempestade tropical Sandy[i] mostrou mais que devastação e a premissa que os fenômenos climáticos globais estão se acirrando. Mostrou, também, que a mídia – inclusive a brasileira, é seletiva na formulação de sua agenda informativa internacional. Enquanto o mundo inteiro assistia a devastação na costa leste americana, poucos ou quase nenhum veículo de comunicação mostrou, de forma aprofundada, a passagem de Sandy pelo Caribe –

em especial no Haiti – onde a já precária situação provocada pelo terremoto de 2010 se agravou. Essa afirmação pode ser aferida, por exemplo, na matéria do jornal Zero Hora (RBS) denominada "Após matar no Haiti, tempestade tropical passa por Cuba e deixa EUA em alerta". Na matéria, os dois primeiros parágrafos tratam da passagem de Sandy pelo Haiti e Cuba. Os outros parágrafos, seis ao todo, tratam das providências americanas para suportar o evento climático e suas possíveis consequências no resultado das eleições que ocorreriam em seguida.

A exceção da informação de como a tempestade passou pelo Caribe – Cuba, Haiti, Ilhas Francesas e os danos que causou, ficou por conta das centenas de anônimos que postaram fotos, fizeram comentários e compartilharam experiências através das redes sociais – em especial o Facebook e o Twitter. E o porquê dos grandes jornais e cadeias de televisão terem privilegiado o drama americano e deixando o caribenho de lado? Para Galtung e Ruge (1993) a hegemonia das agências noticiosas formou várias gerações de jornalistas que observam o mundo sob a ótica do centro e isso traz como consequência a periferia consumir mais notícias sobre o que, aos olhos dela, é a parte mais importante do mundo. A cobertura dada à passagem da tempestade tropical Sandy confirma o pensamento de Galtung e Ruge e, embora a distância temporal entre a afirmação e a atualidade, mostra que a agenda internacional não mudou.

Outro estudioso da mídia, Douglas Kellner (2001), afirma que durante a Guerra do Golfo, no início da década de 1990, todos os meios de comunicação usuais da época (imprensa e, principalmente, a televisão) propagavam um discurso favorável aos Estados Unidos, de modo que a população fosse influenciada positivamente com relação à política de Bush de manter tropas no Iraque. As pessoas que se opunham a essa visão propagada pela mídia eram aquelas que tinham acesso a fontes alternativas de informação. Assim, a Internet, e nela o jornalismo on-line e todas as suas possibilidades, pode contribuir para o estreitamento de laços comunitários e o estabelecimento de uma nova agenda pública comunicacional, baseada na oferta de informações hiperlocais e de interesse de públicos amplos – no caso do jornalismo internacional. Essa talvez seja uma das grandes questões a serem enfrentadas por pesquisadores da área de comunicação.

As experiências de jornalismo hiperlocal – seja via redes sociais como o Twitter, blogs ou através de jornais online, que privilegiam a cobertura noticiosa de determinado espaço

geográfico – cidade, região e mesmo uma rua, são exitosas e estão tendo a capacidade de desafiar os filtros editorias e econômicos das corporações de comunicação – a comprovação dessa capilaridade está na criação de espaços idênticos dentro dessas corporações. Por outro lado, a convergência das mídias, tanto no sentido tecnológico quanto cultural, ajuda a superar barreiras de acesso e de participação do público.

Apontada por muitos como a causadora da crise de audiência dos jornais impressos, a Internet tem demonstrado que não causou tal crise e se apresenta como uma das alternativas viáveis para a recuperação da confiança do público. Ninguém discute o poder da rede como repositório e disseminadora de informações. No entanto, muitos ainda se surpreendem com a capacidade dela em resolver velhas questões, como o contato e as possibilidades de empatia com as audiências. Global e sem limites geográficos – tal como preconizou McLuhan, a rede mostra que o localismo e mesmo o hiperlocalismo tem ressonância no mundo informativo. A velha máxima de que a "minha casa é o meu mundo" se materializa em experiências exitosas e se apresentam como alternativas para o jornalismo recuperar suas audiências e, mesmo a confiança delas.

Mais do que um espaço para repercutir determinados assuntos, notícias e informações, as redes sociais têm se consolidado cada vez mais como importantes ferramentas para se fazer jornalismo dentro e fora das redações. O uso das redes por cidadãos comuns (não jornalistas) tem ajudado a alterar sobremaneira a agenda noticiosa – seja ela local, nacional ou internacional. As redes como meios difusores de informações tem oxigenado a relação do público com a agenda noticiosa e trazido questões antes escamoteadas pelas grandes corporações – foi isso o que se viu nos episódios da primavera árabe, nos protestos no Paquistão e, mais recentemente, na cobertura de Sandy pelo Caribe e América do Norte. Mas, como aproximar o jornalismo da informação vinda das redes?

Sem questionar que as informações postadas nas redes precisam passar pela checagem e ganhar credibilidade, esse movimento é algo necessário. Numa tendência recente, as principais redações do Brasil e mundo já possuem editorias específicas para as redes sociais. O objetivo delas é otimizar o uso destas como meios difusores de informações, ferramentas de compreensão e interatividade com seus leitores e, claro, instrumentos de pesquisa e apuração para os demais colegas da redação. O Facebook, por exemplo, tem uma página para ajudar jornalistas no uso da rede social como utilitário de produção de informação e de conexão com audiências. "Jornalistas no Facebook" tem 58 mil "curtir", e

permite aos jornalistas utilizar recursos próprios do site para análise de audiência, exibição de páginas afiliadas, e execução de aplicativos para fotos, eventos e vídeos, além claro de formar uma rede global de profissionais.

Outras ferramentas, como o Storify e o Dipity[ii], por exemplo, possibilitam a filtragem e organização de uma narrativa cronológica de mensagens, fotos e vídeos de redes sociais e sites (Twitter, Facebook, Youtube, Flickr, Google, Tumblr), sobre um determinado assunto, de modo que o usuário possa criar suas próprias narrativas. Para os jornalistas, a ferramenta serve como um organizador de informações.

O uso das redes sociais e seu ferramental trazem outro debate à tona quando se trata de jornalismo internacional: a necessidade ou não de estrutura física – redação e correspondentes, para a obtenção de informações. Até a metade da década de noventa do século passado, a cobertura internacional era exclusiva às grandes empresas jornalísticas que dispunham de capital para contratar os serviços das agências de notícias internacionais ou manter equipes no exterior. Apesar de importante para a qualidade na produção de matérias, hoje isso não é mais necessário, em função da facilidade no acesso às informações sobre qualquer parte do mundo.

Em recente debate em São Paulo "A cobertura internacional e seus novos desafios", ocorrido em novembro de 2012, o tema causou polêmica. Para muitos especialistas, como a informação circula livremente e de graça, sobretudo com a popularização das redes, é desnecessário manter uma estrutura física para a cobertura internacional. O jornalista paquistanês, Hamad Kiani[iii], por outro lado, não acredita que seja possível promover uma cobertura internacional por meio das redes sociais, sem a mediação de jornalistas profissionais. Segundo ele, apesar da incrível rapidez como a informação circula, ela ainda carece de confiabilidade. Na visão dele, não podemos colocar na mesma escala de valor rumores postados por não jornalistas e informação jornalística que requer investigação, checagem, variedade de fontes, interpretação e contextualização.

Indo além, embutido nesse debate, também está a limitação da cobertura via Internet, quando se considera os limites jurídicos de cada país – como é o caso da China, Cuba e mesmo Estados Unidos, e o temor dos próprios gestores das redes em serem responsabilizados por informações inverídicas ou questionáveis. Num episódio recente, ocorrido no novo conflito entre israelenses e palestinos, o Facebook bloqueou por 24 horas a página da ativista pró-palestina Rosa Schiano[iv], por postar fotos de crianças feridas num

ataque em Shifa – na faixa de Gaza. Embora sendo o país com o maior número de internautas do mundo, a China impõe limites rigorosos para o acesso a rede. Recentemente, durante os conflitos étnicos ocorridos em Urumq – na China, o Twitter e o Facebook foram bloqueados. Em seguida, após uma tentativa de envio de mensagens via a rede profissional LinkedIn, a mesma também foi proibida.

2 Do hiperlocal para o internacional

A definição de *local* pode variar. Em um fenômeno chamado de Glocalização, autores como Robertson (1992) argumentam que as possibilidades de comunicação abertas pela Internet permitem que pessoas com interesses em comum – mesmo que em espaços geográficos diferentes e distantes, se conectem em escala global e construam laços comunitários/humanitários – tão fortes quanto os locais. Mitchell (2010) dá o exemplo de grupos de imigrantes ligados ao noticiário de seu país, onde os valores e informações compartilhados são definidos pelo *local* nacional, mesmo que a quilômetros de distância. Existem ainda *locais* definidos, por exemplo, por uma torcida de futebol que, apesar de espalhada pelo mundo, cria um senso de comunidade e consome as mesmas informações e questionamentos de quem mora ao lado do estádio. Também existem comunidades que requerem um grande conhecimento prévio, como as científicas, limitando a sua difusão e estreitando seus laços (BURNS, SAUNDERS e WILSON, 2010).

Podemos pensar os *locais*, ainda, como os territórios descritos anteriormente por Belochio (2009), espaços institucionalizados onde se estabelecem laços e relações de poder entre os participantes e existe um compartilhamento de ética, regras e costumes.

Quando um jornal foca esforços de cobertura em uma determinada comunidade, seja ela geográfica ou não, assume uma posição de relevância dentro desse território. A partir do conhecimento prévio da área em que quer se especializar, o foco em determinados locais nada mais é que a segmentação do veículo, conclamada como uma possível alternativa para o jornalismo em rede. Para que se insira na comunidade é necessário contar com o apoio dela, isto é, da aceitação e participação dos seus membros. A utilização da força da massa (ou crowdsourcing) é não só um recurso estratégico, mas também uma necessidade para cobrir todas as nuances das relações estabelecidas naquele local.

Nesse sentido, podemos afirmar que a formação de uma agenda noticiosa internacional plural – que escape do agendamento das grandes agências, depende das

audiências e de como essas se utilizam das redes para contrapor as informações. Aqui é importante considerar a transformação da informação em informação noticiosa. Considera-se o jornalismo como um território, um espaço simbólico institucionalizado, onde existe um conjunto de regras, costumes e um senso de ética que regem a convivência dentro dele. As bases históricas desse território estão nos métodos de produção e transmissão de informações que evoluíram conforme e/ou apesar do desenvolvimento tecnológico. Esse espaço é, também, um palco onde diferentes agentes compartilham interesses e determinam suas condutas a partir do que percebem como suas funções e objetivos. Com o tempo, e o desenvolvimento de relações de poder, cria-se certo equilíbrio entre as forças atuantes ali.

A estabilidade desse território, porém, pode ser abalada com a entrada de novos fatores (ou forças), tais como a concentração de poder ou a evolução de tecnologias da informação. Nesses momentos, novas possibilidades de atuação se materializam para instituições e indivíduos, criando oportunidades de revisão e re-mediação das relações de poder. Quando essa situação ocorre, as novas circunstâncias tecnológicas impulsionam a renovação de processos, hábitos e práticas dentro de contextos estabelecidos, podendo alterar a função, os objetivos e a atuação em certos campos – tal qual se vivencia hoje.

3 E o jornalismo internacional com isso?

No decorrer dos séculos XIX e XX a humanidade presenciou o surgimento de diversas invenções na área de comunicação, entre elas o telefone, o rádio, o cinema, a televisão, o computador e, por fim, adaptada a ele, a Internet. Cada uma delas teve grande impacto em sua época e todas, sem exceção, continuam a existir e a exercer forte papel na vida cotidiana das pessoas. Ao contrário do que muitos pensavam, nenhuma suplantou totalmente a outra e a Internet, com certeza, não foi exceção à regra e nem será a última invenção humana nessa área. Note-se, que todos esses inventos estão ligados à comunicação pessoal, corporativa e intergrupal – ou seja, a formação de redes não é exclusividade da Internet. Assim, é possível afirmar que o desenvolvimento de ferramentas múltiplas e diversas possibilita o estreitamento dos laços comunitários.

Nesse ambiente de múltiplas e complexas relações pode-se dizer que o valor da informação, noticiosa ou não, é enorme e está associado ao descobrimento do mundo e de novas formas de sociabilidade, já que o mundo exterior exerce um importante papel na formação de nossa identidade, que está presente no nosso imaginário e é transmitida,

fundamentalmente, por meio da cultura. A identidade é o que nos diferencia dos outros, nos caracteriza como pessoa ou como grupo social. Ela é definida pelo conjunto de papeis que desempenhamos e é determinada pelas condições sociais decorrentes da produção da vida material. Um mundo planetário, interligado por satélites, computadores, programas de auditório, salas de conversa, é hoje o que conforma o cotidiano das sociedades, das pessoas.

Nessa perspectiva, a informação noticiosa internacional assume papel relevante na vida cotidiana. Ela nos aproxima de mundos distantes e nos mostra realidades diversas, faz com que sejamos partícipes de movimentos emancipatórios, nos solidarizemos com situações caóticas, repensemos nossa relação com o país e com as pessoas. Como integrados dessas realidades acabamos decidindo de que lado ficar, quem apoiar e por quem se solidarizar. São as contradições vividas entre o local e o global. Se analisarmos, por exemplo, os movimentos dos trabalhadores espanhóis e argentinos – mediante a crise econômica que assola ambos os países, nós veremos que eles se assemelham: ambos estão no cerne de um problema global e passam a constituir movimentos com corpo em seus territórios locais e nacionais, com imagem nos espaços eletrônicos do mundo global e em fina sintonia com as redes que conectam o local e o global.

4 Considerações finais

Pode-se dizer que as mídias hiperlocais ainda não tiveram sucesso em preencher completamente as lacunas deixadas pela grande mídia, e o argumento de que essas iniciativas optam por cobrir com maior profundidade certos temas específicos ainda é válido. Ao contrário das iniciativas da década passada, os meios hiperlocais atuais têm a possibilidade de serem sustentados pela própria audiência e o oferecimento de dispositivos tecnológicos capazes de alavancar um novo modelo de negócios. Além de contribuir para a pluralidade de uma agenda informativa global – mesmo que condicionada a publicidade local e que não interessa às grandes corporações.

Pode-se afirmar que a difusão de informações que preencham as lacunas deixadas pelos noticiários nacionais é prioridade e deve ser prioridade para essas iniciativas. Mas, grande parte desse conteúdo interessa ao público global. E aí, chega-se ao âmago da questão, ao se verificar que o uso excessivo de conteúdos produzidos por agências de notícias, por exemplo, podem acabar com a sensação de pertencimento comunitário e que, muitas vezes, esse conteúdo se centra em questões menores ou mesmo percepções estranhas às

identidades nacionais. Burns, Saunders e Wilson (2010) concordam que o principal argumento em favor das iniciativas desse tipo é o rompimento com os critérios noticiosos da mídia tradicional, que não refletem o interesse público e democrático, ao incitar e buscar somente gafes e conflitos.

Referências

BELOCHIO, Vivian. Jornalismo digital e colaboração: sinais da desrreterritorialização. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Ano VI. Número 2. Pág. 203-216. Florianópolis: UFSC. Jul./Dez. 2009.

BURNS, Axel; SAUNDERS, Barry J.; WILSON, Jason A.. **Building Spaces for Hyperlocal Citizen Journalism.** Disponível em: <http://eprints.qut.edu.au/15115/1/15115.pdf>. Acesso em: 10 out. 2010.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari H. A estrutura do noticiário estrangeiro: a apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: questões, teorias e estórias. Liboa: Vega, 1993.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: identidades e política e ntre o modern e o pós-moderno. Bauru: Edusc, 2001.

MITCHELL, Bill. **Clues in the Rubble:** A user-first framework fo Sustaining Local News. Discussion Paper Series. Fevereiro, 2010. Disponível em: <http://www.hks.harvard.edu/presspol/publications/papers/discussion_papers/d56_mitchell.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2010.

ROBERTSON, Roland. **Globalization:** social theory and global culture. London: Sage, 1992.

Hyperlocal journalism and the challenge of creating a pluralistic international news agenda

Abstract

This paper discusses how the convergence of media and content has enabled the development of a pluralistic international news agenda, based on the capillary of the Internet. To do so, and understanding journalism as a symbolic institutionalized area, we established that the historical underpinnings of it are in the methods of production and transmission of information as they evolved with/in spite of technological development. We will

attempt to show that hyperlocal journalism has contributed to the strengthening of this international agenda, unlike what happens with the one practiced by large media corporations and news agencies.

Keywords
Hyperlocalism, convergence, social networks.

Periodismo hiperlocal y el reto de la criación de una agenda noticiosa internacional plural

Resumen
Este artículo se basa sobre cómo la convergencia de medios y contenidos han posibilitado el desarrollo de una agenda informativa internacional plural, a través de la capilaridad de la Internet. Considerando el periodismo como un espacio icónico institucionalizado, establecemos que sus bases históricas están en los métodos de producción y transmisión de informaciones que evolucionaron de acuerdo y/o a pesar del desarrollo tecnológico. Procuraremos enseñar que el periodismo hiperlocal ha contribuído para el fortalecimiento de esta agenda internacional, distintamente del que ocurre com aquél practicado por las grandes corporaciones de media y agencias de noticias.

Palabras – clave
Hiperlocalismo, convergencia, redes sociales

Recebido em 18/03/2013
Aceito em 09/06/2013

[i] Tempestade tropical que se iniciou no Caribe e se deslocou até o Canadá entre os dias 26 de outubro e 02 de novembro. Causou enormes prejuízos materiais e humanos em diversos países.
[ii] www.storify.com e www.dipity.com
[iii] Em depoimento ao Journalists on Twitter no LinkedIn. Acesso em 10 de novembro de 2012
[iv] Ver em http://www.adnkronos.com/IGN/News/Esteri/?id=3.1.3909332487

Copyright (c) 2013 Autor(es) / Copyright (c) 2013 The author(s)
The copyright of works published in this journal belong to the authors, and the right of first publication is conceded to the journal. Due to the journal being of open access, the articles are of free use in research, educational and non-commercial activities.

Selo CC-BY-NC com Direito Autoral_2013